

# O BERTO da GREI

Director — HUGO D'ALMEIDA

SEMÁNARIO NACIONALISTA

Editor — ANTÓNIO LINO

## O RENASCIMENTO DO ORGULHO PORTUGUÊS

**E**STAMOS a viver um dos momentos culminantes e decisivos da nossa existência histórica.

O vigoroso influxo renovador da Revolução Nacional tem penetrado todos os planos da vida portuguesa e a todos vai comunicando progressivamente a sua vitalidade fecunda, a sua fé, o seu dinamismo criador — na política e na administração pública, na vida económica e social, no domínio do Espírito e da Cultura.

Um dos aspectos mais interessantes deste movimento profundamente transfigurador, é o renascimento do nosso optimismo, do nosso orgulho, da nossa fé de portugueses.

Portugal morria sobretudo de desalento e de descrença.

Depois dos tempos heróicos da nossa Epopeia — em que num milagre de criação e de esforço espalhamos pelo mundo o nosso Verbo e o nosso Génio — a alma portuguesa caiu na apagada e vil tristeza dos seus dias negros de abdicação.

Perdeu-se a fé nas virtudes da Grei e obliterou-se de todo o sentido profundo dos nossos destinos históricos.

Muitos, insatisfeitos do presente, refugiavam-se na evocação piedosa da nossa idade de ouro. Mas, para homens desesperançados, a contemplação das glórias passadas, em vez de ser estímulo criador do futuro, mais avultava ainda, por contraste, a desolação e o abatimento das almas.

Assim se criou o sentimento derrotista da nossa inferioridade, da nossa decadência incurável, da nossa incapacidade para a vida moderna. E já falsos profetas, como corujas sinistras, agoiravam sombriamente o fim próximo da Pátria — fim inglório dos que morrem sem fé e se entregam sem luta.

A Revolução Nacional sacudiu desse abatimento mortal a alma portuguesa e acordou as energias viris da grei, entibiadas pelo desalento e o pessimismo. Pelo caminho dos sacrifícios resgatadores tem promovido a mais ampla restauração do país, valorizando fecundamente todos os sectores da nossa actividade nacional, num esforço construtivo sem precedentes na nossa existência de 8 séculos.

Assim desfez a lenda da nossa decadência irremediável e nos restituiu a confiança nas nossas forças e na nossa capacidade para a vida intensa.

E à Nação que a si mesma se chamava «pequeno país» — esquecida da sua grandeza ecuménica — mostrou-lhe, com amor, fartos pedaços de terra portuguesa, espalhados pelo mundo, como retalhos da nossa carne e da nossa alma. E assim nos restituiu o sentimento da nossa realza imperial e reanimou em nós a nossa vocação apostólica e o sentido criador da nossa missão histórica.

Portugal, prestigiado pelo esforço heróico da sua ressurreição, assombrou outra vez o mundo com o seu milagre — o mundo que ontem ainda escarnecia do nosso abatimento e já hoje recebe de nós lições de ordem, de trabalho fecundo, de vontade de viver, de sacrificio redentor.

Renasce a nossa grandeza e a fé nos nossos destinos.

Temos um rumo seguro para o nosso esforço e o futuro é de esperança e de perene ascensão.

Outra vez acorda o nosso orgulho e os nossos olhos se erguem para o Céu.



Marechal Gomes da Costa

CERQUEIRA GOMES.

## A' MARGEM

Na extensa lista de episódios revolucionários, lutas sangrentas e combates fratricidas, sem ideal nem elevação, que caracterizam a vida portuguesa do último século, o 28 de Maio representa o despertar da consciência nacional, durante longos anos alheada dos destinos da Pátria, para uma nova vida, construtiva e unitária.

10 anos de acção remodeladora, unicamente orientada pelo desejo de grandeza nacional, fizeram deste país, depauperado e moribundo, uma nação senhora dos seus destinos, nesta Europa babilónica e incerta.

Autenticam esta verdade estrangeiros e portugueses.

Os primeiros, num câro de aplausos, analisam este Ressurgimento, deslumbrados pelo extraordinário «caso português».

Nós também, os nacionais que têm a cabeça no seu lugar, considerando a Espanha caótica, a França incerta, a Inglaterra desprestigiada, a Rússia tirânica, a Alemanha totalitária, bendizemos a Deus pela sábia governamentação de Salazar, que numa Europa em crise, em convulsão, garante-nos a ordem, ataca o desemprego, protege os desafortunados, activa o fomento, disciplina a economia, organiza a armada, constrói estradas, portos, prepara a defesa nacional e traça o grandioso plano da reconstituição nacional.

Em face disto, sente-se orgulho em ser português.

O 28 de Maio de 1926 representa, pois, o despertar da consciência portuguesa, hoje firmemente orientada no desejo incontido da grandeza do Império.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# Salazar na opinião pública

Quando em fins de Abril de 1928 o sr. dr. Oliveira Salazar tomava conta da pasta das finanças, houve em todo o país um suspiro de alívio. E com razão.

A pasta das finanças, sentiam-no todos, instintivamente uns, conscientemente outros, constituía o fulcro da administração portuguesa; dela tudo o mais dependia; era em torno do problema financeiro que todos os múltiplos problemas dêste país empobrecido e desorganizado gravitavam. Compreende-se por isso, bem a ansiedade da nação perante o preenchimento da pasta das finanças.

Ao saber-se finalmente que, depois de perto de oito dias de consultas e negociações, o sr. dr. Oliveira Salazar consentira em aceitar aquele alto cargo mediante condições aprovadas por todo o ministério, o país respirou desoprimido.

Não é que o dr. Oliveira Salazar fôsse conhecido do grande público. A sua vida recolhida e modesta, dedicada exclusivamente ao estudo e ao ensino, mantinha-o absolutamente afastado da popularidade e dos meios políticos. Além dos seus colegas da Universidade e dos seus discípulos era muito restrito o número dos que o conheciam de perto. Quando, logo após o triunfo da revolução de 28 de Maio, se organizava em 6 de Junho de 1926 o primeiro ministério revolucionário, interrogado por António Ferro, o general Gomes da Costa referia-se-lhe nestes termos: «O ministro das finanças é um tal Salazar, de Coimbra. Dizem que é muito bom. O senhor conhece-o?»

De facto na capital quasi ninguém o conhecia e a sua rápida passagem de dias pelo ministério das finanças não deixou vestígios sensíveis.

Todavia uma grande parte daqueles que lhe tinham ouvido as sábias lições e apreciado a inteireza de carácter, espalhados agora por todo o país iam nutrido a esperança de o verem novamente naquele posto e criando à sua roda um ambiente de confiança e admiração pelo saber e pelas virtudes do exímio professor.

Durante a gerência de Sinel de Cordes foi o dr. Salazar nomeado para presidir a uma comissão encarregada de propor a reforma tributária e composta por individualidades notáveis em questões económicas e financeiras. Foi tal o saber e o critério que revelou no desempenho dêste serviço que o seu prestígio entre os membros da comissão não podia ser maior.

Pouco depois, discordando da

política financeira do ministro de então, escreveu nas *Novidades* uma série de artigos que tiveram êco retumbante em todo o país e o tornaram conhecido de todos os portugueses cultos que se interessavam por assuntos de finanças.

De todas estas circunstâncias resultou, que à medida que os nossos males se agravaram, ia a figura do sr. dr. Oliveira Salazar tomando vulto e impondo-se aos portugueses como a derradeira esperança de salvação Nacional.

Por isso o país respira deso-

primo quando em 27 de Abril de 1928, o dr. Oliveira Salazar tomou posse da pasta das Finanças. As breves palavras *sinceras, claras e leais* que então proferiu conquistaram-lhe desde logo a confiança da nação, que não estava habituada a que lhe falassem aquela linguagem de verdade e franqueza.

primo quando em 27 de Abril de 1928, o dr. Oliveira Salazar tomou posse da pasta das Finanças. As breves palavras *sinceras, claras e leais* que então proferiu conquistaram-lhe desde logo a confiança da nação, que não estava habituada a que lhe falassem aquela linguagem de verdade e franqueza.

primo quando em 27 de Abril de 1928, o dr. Oliveira Salazar tomou posse da pasta das Finanças. As breves palavras *sinceras, claras e leais* que então proferiu conquistaram-lhe desde logo a confiança da nação, que não estava habituada a que lhe falassem aquela linguagem de verdade e franqueza.



O Sr. Dr. Oliveira Salazar, lendo um dos seus discursos

Surgiram, porém, logo os detractores a dizer: «O dr. Salazar é incontestavelmente um grande professor; mas não passa dum teórico; na prática nada conseguirá». Os que o conheciam, porém, limitavam-se a encolher os ombros e a dizer: «aguardem».

A obra começou e prosseguiu: viram-se os primeiros resultados quando em 31 de Julho do mesmo ano o orçamento se apresen-

críticas semelhantes não tinham fim. «Aguardemos» diziam os poucos que tinham fé. E a sua confiança foi amplamente recompensada, quando se conheceu que a gerência fechara com um *superavit* considerável.

Os adversários, porém, não se rendiam à evidência e até muitos situacionistas duvidavam. Outros condescendiam: «Sim, não há que duvidar; Salazar é um bom ministro das Finanças; mas não passa disso. De política nada percebe».

E todavia quantas provas não havia já dado de que era, de facto, o verdadeiro orientador da revolução nacional? O programa político desta está contido no seu discurso de 30 de Julho de 1930 imprópriamente chamado de *Sala do Risco*. Os espí-

ritos desapaixonados não podiam deixar de reconhecer, e de regosijar-se com isso, que possuíam em Salazar o chefe providencial que daria ao 28 de Maio uma finalidade prática e realizaria os seus objectivos. Mas os obcecados eram muitos e poucos os que não fechavam os olhos à evidência. A cegueira era tão espessa que ainda em fins de 1933, o dr. Salazar podia afirmar com a sua fina graça: «Tanto se tem repetido de mim saber eu alguma cousa de finanças, mas não perceber nada de política, que, em boa verdade, já me devia ter convencido disso».

Os incrédulos é que tiveram de converter-se. No estrangeiro deu-se conta do *caso português*. Os competentes observaram-no e estudaram-no. A imprensa publicou os seus pareceres elogiosos e autorizados. Tanto bastou para que muitos portugueses modificassem a sua atitude. Aquilo que não haviam conseguido as palavras do ministro nem os resultados evidentes da sua obra conseguira-o o aplauso estrangeiro.

Hoje Salazar é o chefe incontestado de Restauração Nacional; é um grande estadista para todos os portugueses cultos e desapaixonados. Mas é mais.

Salazar é um dos maiores estadistas da Europa contemporânea e a História declará-lo-á, temos disso a convicção, um dos maiores estadistas de todos os tempos.

Confiem nêle cegamente os portugueses e sigam-no.

J. S.

## CONFERÊNCIA

O sr. Dr. Luiz de Pina pertence ao número dos vimezanenses ilustres.

Professor distinto da Faculdade de Medicina do Porto, conferente de alto valor, investigador erudito, ocupa, mercê do seu espírito robusto, possuidor de uma cultura sólida, um lugar de alto relêvo no meio intelectual português.

A comprovar a sua capacidade de homem de acção, Sua Ex.<sup>a</sup> exerce também as funções de vereador da Câmara Municipal do Porto.

O sr. Dr. Luiz de Pina honra, pois, Guimarães.

A convite da Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus, deve Sua Ex.<sup>a</sup>, pronunciar brevemente nesta cidade uma conferência.

Vão, portanto, os vimezanenses, ouvir a palavra douta do seu conterrâneo numa dissertação profunda, que mais uma vez corroborará a sólida cultura do seu talentoso espírito.

# No ano X da Revolução

por Carlos Saraiva

**J**á lá vão 10 anos depois que Gomes da Costa desembañhou, bem perto daqui, na cidade de Braga, a sua espada gloriosa de soldado. Experimentada em tantas vitórias ao sol de Africa ou da Flandres para prestígio do nome português e sempre ao seu serviço — uma só vez a desembañhou cá dentro para o comando da Revolução da Ordem.

A 10 anos de existência dessa mobilização geral do Exército e com Ele da Nação nos seus valores e energias contra os desmandos e erros duma política que de longe vinha e era necessário acabar — a Revolução continua a ter e hoje com mais forte razão — justificação plena, não só pelas causas que a motivaram como até e principalmente pelos efeitos benéficos que dela resultaram para o País que à sua sombra adquiriu outra expressão política e social.

Portugal é hoje, mercê dessa política um factor de ordem e de progresso — uma excepção de relêvo até no meio da desorientação que invade o mundo.

Ao 28 de Maio presidiu um alto sentido patriótico e nacional. Esta característica, e as tendências da Revolução logo de início em considerar a Nação em primeiro lugar e ao alto sempre, como realidade eterna que é indispensável manter fora e acima da paixão cega e individualista da maior parte dos sistemas políticos — foi o primeiro pensamento a custear os homens do 28 de Maio.

Melhor do que ninguém, o Exército tomando este encargo, cumpriu integralmente o seu Dever.

Nunca esta verdade foi mais necessária e oportuna. Quando se olha o xadrez político do Mundo e a sua projecção provável dentro das fronteiras da Pátria, só o desconhecimento da gravidade da hora que passa, por desleixo ou cumplicidade pode diminuir os efeitos salutaros da Revolução.

O que seríamos nós sem ela? O exemplo que daríamos?

Fixemos o olhar na vizinha Espanha. Na embriaguez da Frente Popular, as labaredas crepitam alto, assustadoramente, devorando tudo.

Cá dentro a ordem é absoluta pelo govêrno que a Nação tem, estar à altura dos seus destinos.

Lá fora a falta de autoridade pelos compromissos tomados para vencer as eleições, fez com que se perdesse por completo a noção do direito e da justiça.

Que este exemplo, flagrante de verdade e oportunidade, seja razão poderosa, imperativa, quando por miopia se não vejam outras, para se bem dizer da hora e dos homens que sôbre os seus ombros conduzem o côrpo da Pátria.

No dia em que a desordem seja comandada do alto, de nada valerá a apelação para os que governam.

A unidade nacional é a melhor comemoração desta data, como remédio, como reacção contra tudo o que possa cavar a ruína, o descabro, a confusão.

Unidade de pensamento, e de acção; unidade de forças dirigidas e coerência moral em todas as atitudes, emfim, política de verdade, tal deve ser o desejo de todos os portugueses neste dia em que a Revolução completa o seu X ano. Só assim se conseguirá que a Nação seja grande e próspera.

Mussolini afirmou num dos seus discursos que uma Nação é grande quando traduz na realidade a força do seu espírito. De facto, podemos orgulhar-nos da nossa grandeza imperial e ainda mais da autoridade da doutrina que nos rege de acôrdo com que o nosso passado que amplia e prolonga, que nos tornou, um Povo de cabeça erguida e alma limpa.

Nestes 10 anos demos o melhor exemplo que um Povo pode dar. Exemplo de sacrifício e de acção — êle foi necessário para o Resgate se afirmar já na pujança de uma vitória que é definitiva, como afirmou Salazar.

Prestemos, por isso, homenagem ao Exército pelo seu acto e aos que de alma e coração se sacrificaram para a acção comum.

Uma Pátria é muito mais que a transição da vida. No conceito nacionalista ela é uma realidade permanente, altiva, eterna e dinâmica. A Revolução identificada com este conceito de Pátria tem de ser também permanente, altiva, eterna e dinâmica.

Isto equivale a dizer que comemorar esta data é a ansiedade de esperar que ela continue o seu ritmo, que ela caminhe para directrizes mais amplas e mais profundas.

## A representação de Guimarães nas comemorações do Ano X em Braga

Foi a todos os títulos grandiosa, pelo número e pela vibração, a representação vimaranense nas manifestações ao Estado Novo em Braga no dia 26 de Maio.

A's 8 horas da manhã começaram as camionetas a transportar operários.

Feita a concentração na Ponte, às 10 horas, dirigiram-se as deputações operárias, com o sr. Administrador do Concelho à frente, para a rua do Souto, onde aguardaram a passagem dos Srs. General Carmona e Dr. Oliveira Salazar.

Quando os chefes da Revolução Nacional surgiram ante a representação vimaranense, o operariado local vitoriou, com o seu já habitual ardor, Carmona, Salazar, o Estado Novo e a Pátria.

Guimarães mais uma vez marcou.

A' tarde, pelas 2 horas, as deputações vimaranenses incorporaram-se no cortejo cívico, que desfilou perante a tribuna presidencial.

O concelho de Guimarães estava representado com cerca de mil homens.

Abria a representação a bandeira do Município. Seguiam-se os srs. Administrador do Concelho, Presidente da Câmara e demais vereadores, presidente da União Nacional, nacionalistas, industriais e comerciantes.

O Sindicato Nacional dos Garfêiros de Sande estava largamente representado.

A' passagem do cortejo pela tribuna presidencial a representação do concelho de Guimarães agitou-se numa ardorosa aclamação que mereceu fartos aplausos às pessoas presentes.

Está a tornar-se proverbial a entusiástica participação de Guimarães nas festas em homenagem ao Estado Novo.

A' frente da representação local ia a banda dos Bombeiros Voluntários.

### O Berço da Grei

Redacção e administração  
Rua da República, 48-1.º

Propriedade da Empresa

Assinatura anual, 20\$00; trimestral, 6\$00  
e avulso, 4\$50

Composto e impresso:

Tip. «Minerva» — Famacção

# 1926 ————— 28 DE MAIO ————— 1936

♦♦ ————— Dia glorioso da Revolução Nacional que reintegrou a Pátria nos caminhos perdidos da Grei ————— ♦♦

## A V A N T E !

28 de Maio de 1926 — 28 de Maio de 1936 — Dez anos

Há dez anos que se acabaram de vez com os vendilhões da Pátria. 28 de Maio — data gloriosa, página dourada, que na Nossa História brilha, com igual esplendor, ao lado de Ourique, Aljubarrota, Valverde, India e 640!

Gloriosos cadetes de Sidónio, tenentes do 28 de Maio, que bem souberam cumprir o testamento do seu chefe: «Salvem a Pátria!»

Antes de chegarem à terra da Promissão, ainda duro e ingreme calvário tiveram de subir — dura era a tarefa — algum tempo, tempo longo porque de agonia duma Pátria que se levanta em esforço sobrenatural, gigantesco, levou a cumprir esse testamento. Rudes provas sofreram, mas a Fé era grande, a vitória seria certa, fôsse hoje ou amanhã.

18 de Abril — alguns dos mais prestigiosos militares da guarnição de Lisboa, revoltam-se.

O movimento malogra-se.

\* \* \*

Sala do Tribunal repleta. E' o julgamento dos vencidos de 18 de Abril. Vencidos?! Não. Vencedores.

A semente foi lançada à Terra e dentro em pouco nascia a redenção da Pátria.

A acusação está a cargo do General Oscar Fragoso Carmona.

Levanta-se o promotor da justiça. Vai falar.

Carmona, figura nobre de militar, cabelos a branquear mas espírito moço começa por saudar o tribunal e a boa imprensa, aquela que não aplaude os ataques à bomba, etc., etc.

«Julgam alguns que, neste ingrato lugar que me está confiado, tenho de ser como Fouquier Turville, mandando os acusados para a guilhotina!»

E, perante o espanto da assistência: «Eu, porém, não encontrando provas, não posso acusar!» E, vibrando de patriotismo, o acusador oficial, Carmona, num gesto desassombrado toma a defesa dos acusados:

«Os réus são acusados por terem muito amor pela terra em que nasceram, pela terra que defenderam, alguns nas plagas africanas, ou nas laméirentas terras de Flandres! «E será crime amar entranhadamente a Pátria que nos foi berço?... «A meu ver a Pátria está doente.»

\* \* \*

A semente lançada à terra brotou um ano depois.

28 de Maio de 1926 — 28 de Maio de 1936. Dez anos!

Ao vermos os trabalhos, as obras realizadas; ao vermos ressurgir o Império Português; ao vermos as lutas e sacrificios do passado trabalhemos com mais ardor pois a Revolução não acabou. Preparemos a juventude para a continuação da obra começada, irmanemo-nos, todos, ligados por amor forte, intransigente e desassombrado na defesa da Grei e da Tradição, e a caminho do Império, por um Portugal Maior, gritemos bem alto — Avante!



S. Ex.º o Sr. General António Oscar de Fragoso Carmona, Presidente da República



Marechal Gomes da Costa

## A MARCHA SÔBRE LISBOA

O general Gomes da Costa, peito constelado de medalhas gloriosas, ganhas no campo de batalha, descia até ao Pôrto com as suas tropas, recebendo uma manifestação triunfal.

Daí vem a Coimbra e o povo, a academia, levam o velho militar em triunfo, cobertos os seus ombros fortes por uma capa velhinha.

Em Lisboa, falhadas as habilidades politiqueras dos que queriam empalmar o movimento, dá-se o inevitável: Bernardino Machado renuncia, depondo nas mãos de Mendes Cabeçadas, os poderes inerentes ao seu alto cargo. Era no dia 31 de Maio... a três dias do movimento de Braga!

Mais uma vez o brasileiro, antigo conselheiro e Ministro da coroa, fazedor de versos à Rainha D. Amélia, fizera a sua mais dolorosa curvatura de cerviz.

Sumira-se o concorrente profissional à chefia do Estado; o chefe do estado, por profissão, chapéu alto servicial, servicial dos monárquicos, servicial dos democráticos, e, actualmente candidato a futuro servicial do reviravento-comunista, amigo dos amigos de Portugal, os piores inimigos que Portugal tem.

A marcha continua triunfante... As tropas da 4.ª divisão, sob o comando do General António Oscar Fragoso Carmona, estavam concentradas em Vendas Novas, esperando as forças do Chefe, para marchar para Lisboa. Havia também concentrações na Amadora e em Sacavém, onde Gomes da Costa foi recebido triunfalmente no dia 2 de Junho.

O capitão de aeronáutica João Luiz de Moura toma conta do Governo Civil da Capital.

O bravo comandante Ferreira do Amaral, publica um edital convidando o povo de Lisboa a ir receber carinhosamente o glorioso Exército, salvador dos destinos da Grei.

Estava marcada para o domingo, 6 de Junho, a sua entrada em Lisboa.

\* \* \*

Lisboa — 6 de Junho. Domingo.

Gente, muita gente. Povo, muito povo. Aguarda-se impaciente a chegada do Exército Nacional. Próximo do cruzamento da Avenida Duque de Avila, ergue-se um pavilhão, formando a guarda de honra cadetes das Escolas Naval e de Guerra, Pupilos do Exército, e alunos do Colégio Militar. Os clarins, quando as bandeiras de todas as unidades apareceram ao cimo da avenida, fizeram ouvir a marcha de continência e logo se manifestou com vivo entusiasmo a densa multidão.

Na tribuna o corpo diplomático, destacando-se o Nuncio de Sua Santidade. A's 17 horas estrugiram dos lados do Campo Grande aclamações intensas.

Dominando milhares e milhares de soldados do Exército Português — que num esforço, heróico, síntese do esforço da Raça, da Raça Lusitana que não morre, tinham operado o milagre de salvar a Pátria num esforço titão — ergue-se, cavalgando, imponente, peito constelado de medalhas, espada desembainhada, Gomes da Costa, O Chefe.

ANTÓNIO LINO.

## PROCLAMAÇÃO

Portugueses! A Nação quer um governo nacional militar, rodeado das melhores competências para instituir, na administração do Estado, a disciplina e a honradez que há muito perdeu.

Empenho a minha honra de soldado na realização de fim nobre e justo propósito. Não quero a Nação uma ditadura de políticos irresponsáveis, como tem sido até agora. Quero um governo forte, que tenha por missão salvar a Pátria, que concentra em si todos os poderes para, na hora própria, os restituir a uma verdadeira representação nacional, ciosa de todas as verdades — representação que não será de quadrilhas políticas — dos interesses reais, vivos e permanentes de Portugal.

Entre todos os corpos da Nação em ruína, é o Exército o único com autoridade moral e força material para consubstanciar em si a unidade duma Pátria que não quer morrer.

A' frente do Exército Português, pois, unido na mesma aspiração de redenção patriótica, proclamo o interesse nacional contra a acção nefasta dos políticos e dos partidos, e ofereço a Pátria enfêrma a um governo forte, capaz de opor aos inimigos internos e mesmo heróico combate que o Exército deve aos inimigos externos.

Viva a Pátria!  
Viva a República!

(a) Gomes da Costa,

General, Comandante em Chefe do Exército Nacional.

(De a Epoca, de 1-6-1936).

## O que fez a Revolução Nacional?

Restabeleceu o prestígio da autoridade e assegurou a ordem nas ruas e nos espíritos.

Assegurou a estabilidade e continuidade na política e na administração.

Introduziu ordem e moralidade na administração pública.

Substituiu ao regime de guerra civil o princípio de unidade nacional.

Definiu a nova ordem constitucional.

Saneou e robusteceu as finanças públicas.

Melhorou o apetrechamento material do País.

Promoveu o fomento e a coordenação da produção Nacional.

Tornou possível a obra notabilíssima de um grande número de municípios.

Restaurou a nossa marinha.

Tem beneficiado e multiplicado os serviços de assistência pública e amparado os de assistência particular.

Promoveu o melhor acolhimento de Portugal no estrangeiro.

Construiu e restaurou muitas instalações escolares.

Encaminhou a Inteligência Nacional promovendo a «Política do Espírito».

Proclamou oficialmente a unidade do Império e está procurando criar uma mentalidade imperial.

Definiu os princípios de organização corporativa da Nação, criou os órgãos oficiais apropriados e está animando seguramente a sua efectivação.

Instituiu a «Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho».

Construiu e está a construir muitos bairros de Casas Económicas.

Restaurou uma grande parte do património artístico e histórico da Nação.

Levantou e prestigiou aos olhos do mundo o nome de Portugal.

Restituiu a Portugal a consciência dos seus altos destinos.

## Visita da Senhora da Lapinha

No dia 14 de Junho, visita a cidade de Guimarães a veneranda imagem de Nossa Senhora da Lapinha — Padroeira dos Agricultores, acompanhada por milhares de pessoas das sete freguesias circunvizinhas.

A imagem da Santa será exposta este ano à veneração dos fiéis durante algumas horas, na igreja da V. O. Terceira de Nossa Senhora do Carmo.

A romagem da Senhora da Lapinha constitui uma lição de fé religiosa do nosso bom povo das aldeias.

## A dez anos da Revolução

Ano de 1926 — 28 de Maio

Em Lisboa correm boatos duma sublevação militar, de início confusos e imprecisos, tomando cada vez mais consistência. Fala-se numa revolta no Minho... no Algarve; que o General Gomes da Costa estava em Mafra com 1.600 homens... e dizia-se também que estava em Braga revoltando a cidade dos arcebispos.

A tarde o governador civil de Lisboa, numa nota oficiosa, confirma a eclosão dum movimento revolucionário em Braga, «que seria prontamente dominado».

O povo, farto de tanta miséria moral e descabros de desgoverno, rasga as notas officiosas, sentindo bem que o movimento veio no momento oportuno para salvar a Pátria, como agravo contra as mentiras que nesses mesmos editais continham.

A's notas officiosas publicadas à noite sucedeu a mesma cousa.

Entretanto, iam chegando mais notícias acêrca da extensão do glorioso movimento, que sem um tiro, implantou em Portugal a Ditadura Militar Nacional, entrando triunfalmente em Lisboa.

Sabia-se que as tropas de infantaria 7, de Leiria, mas em escola de recrutas nas Caldas da Rainha, tinham saído revoltadas, sob o comando do Capitão Oliveira Franco, em direcção a Santarém.

Tropas do 33 de Lagos, abandonavam o quartel e avançavam, Alentejo acima, em direcção a Lisboa.

Infantaria 8, de Braga, saíra para a rua, sob o comando do glorioso Chefe Militar Português, o General Gomes da Costa. Aderiram a seguir cavalaria 11, com os regimentos do 29 e 3 de infantaria, guarda nacional republicana e mais outras forças.

Em Lisboa, um grupo directivo da Revolução intima o Governo a abandonar o poder, de que tam mal tinham usado. A revolta triunfante alastrava, país fora, sempre mais e mais.

Porto, Lisboa, Coimbra com excepção do 5.º grupo de Metralhadoras, Aveiro com infantaria 24 e cavalaria 8, Setúbal, Evora, Castelo Branco, Mafra, a aviação, emfim, todo o Exército, afirmava com altivez e patriotismo o presente à chamada do chefe do glorioso movimento iniciado em Braga, Gomes da Costa.

\*

\* \*

O bravo General entrevistado no quartel general em Braga, justificava o seu movimento revolucionário com esta frase lapidar: «Temos nós o direito de ver desaparecer o País a pouco e pouco?!...»

Em letra de forma, no dia 30, os jornais traziam grandes relatos da revolução encimados por: «A revolução triunfante!» — «o Governo foi forçado a demitir-se ante a galharda atitude do Exército, fiel intérprete do sentimento Pátrio...» etc., etc.

Depois em artigos de fundo, «O País quer — quer, entenda-se bem e ouça-se bem! — acabar de vez com esta deshonra de governos!»

— «Governos políticos. Não!»

— «Governos de anónimos. Não!»

— «Governos de habilidades. Não!»

Ano de 1936 — 28 de Maio.

Dez anos são passados sobre a Revolução Nacional. Dez anos de trabalhos, de sacrifícios, de luta, mas também dez anos de céu azul, de paz e harmonia nos campos social, económico, moral e espiritual.

## O que vai fazer?

Reorganizar e rearmar o Exército.

Prosseguir na restauração da Marinha de Guerra.

Continuar a política do Espírito, encerrada nos objectivos do novo Ministério da Educação Nacional.

Prosseguir na Organização Corporativa da Nação.

Executar a formidável obra de valorização do país, estabelecida no chamado projecto de Reconstituição Económica da Nação. Em 15 anos será realizado metódicamente este colossal plano de fomento nacional, que compreende:

a) Obras de hidráulica agrícola (irrigação, enxugo e defesa);

b) Aproveitamento da energia hidráulica e dos combustíveis nacionais;

c) Conveniente apetrechamento dos portos e construção de novos portos;

d) Melhoria do sistema de transportes (caminhos de ferro, estradas, aeroportos);

e) Ampliação da rede telefónica, da rede eléctrica e da rede telegráfica;

f) Criação de mais alguns milhares de escolas primárias;

g) Desenvolvimento do ensino técnico (comercial e agrícola);

h) Melhoria dos serviços de assistência;

i) Trabalhos de urbanização de Lisboa e Pôrto;

j) Incremento à pesca de bacalhau;

k) Restauração da Marinha Mercante;

l) Ampla valorização da economia colonial.

Para a execução deste projecto de engrandecimento nacional serão dispendidos 6 milhões e 500 mil contos. Perto de 1 milhão de contos já estão arrecadados. Os restantes estão honestamente previstos.

As realizações começam a seguir. Já o ano corrente é o primeiro desse período.

Ao cabo de mais 15 anos de administração de Salazar, Portugal será uma nação forte, engrandecida e próspera, a par das melhores.

## Irmandade de Santo António

No dia 31 deste mês de Maio há pelas 9 horas a costumada distribuição de boroas de pão por 120 pobres e na próxima segunda-feira, dia 1 do próximo mês de Junho, principia, pelas 7 horas da manhã, com relativa solenidade, a trezena de Santo António, promovida pela sua respectiva Irmandade que acidentalmente se acha colocada na capela da V. O. 3.ª de S. Domingos, como preparação para a festividade que a mesma Irmandade há-de fazer celebrar no próximo dia 14, indicando-se em breve o seu respectivo programa.

# O IMPÉRIO COLONIAL

Da brilhante série de conferências, promovidas pelo sr. Ministro das Colónias, ressalta pela sua elegância literária, clareza de pensamento e elevação patriótica, a do nosso ilustre conferenciante, o ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Alfredo Pimenta, figura de estirpe da galeria dos intelectuais portugueses.

Intitulada «O Império Colonial factor de civilização», esta brilhante dissertação acaba de ser publicada em folheto, de que vamos transcrever o seu capítulo 4.<sup>o</sup>, sob o título — «O Império colonial. Sua definição legal. Seu conceito real».

«A uma fracção do Império português, chama-se, legalmente, Império colonial.

O artigo 3.<sup>o</sup> do Acto Colonial de 1935, diz:

«Os domínios ultramarinos de Portugal denominam-se colónias e constituem o Império colonial português.»

E a enumeração desses domínios vem explicitamente feita nos n.<sup>os</sup> 2 a 5 do artigo 1.<sup>o</sup> da Constituição, actualmente em vigor.

Temos, assim, uma definição legal do nosso Império colonial, que não passa dum conceito geográfico.

Assim como ao conceituar-se a Nação, o elemento territorial (que me desculpem Ratzel e Maull) é um dos mais secundários, também ao conceituar-se o Império, não podemos ater-nos ao elemento territorial.

Este serve para se formar a noção de Estado. Mas o Estado é muito diverso da Nação; o Estado é muito diferente do Império. Na Nação, como no Império, há um *quid* espiritual, ausente no conceito do Estado, e sem o qual nem a Nação nem o Império existem. Se para haver Nação, é indispensável a transmissão hereditária duma solidariedade étnica, moral e mental — como na Família, para haver Império, é preciso que exista uma solidariedade de vontades, possuídas da mística do domínio.

E' preciso que haja uma consciência imperialista. Criada bruscamente, por um condutor de homens, ou gerada lentamente nas camadas mais profundas e ignoradas da psique do povo — essa consciência imperialista, esse desejo imperioso de querer viver, é a característica da existência do Império. Gravada ou não nas fôlhas dos Códigos — pouco importa.

O que importa é que esteja viva, e seja concentradora de energias, no coração e no pensamento dos homens. O que importa, essencialmente, é que

seja o polo que a acção destes procure.

O nosso Império colonial tem existência legal — aquela que lhe assegura a disposição já citada do Acto Colonial.

Urge que essa existência se transforme, projectando-se na vida colectiva normal, e absorvendo-a por completo. O sentimento imperialista é exclusivista, como todo o sentimento de natureza mística.

Nós temos que viver para uma coisa só, para uma coisa única: o nosso Império colonial. Temos que o sentir — sangue do nosso sangue, carne da nossa carne, nervos dos nossos nervos — vida da nossa vida.

Deve estar sempre presente aos nossos olhos, na primeira fila das nossas preocupações, ser o primeiro dos nossos problemas, constituir o objectivo final de toda a nossa actividade colectiva.

Doutro modo, êle pode existir nos diplomas legislativos, ou nos artigos mais ou menos líricos dos repórteres mais ou menos fáceis — mas não passa duma ficção tristíssima.

E' indispensável que o povo, desde as camadas mais altas às camadas mais insignificantes, se interesse pela sua existência, tenha consciência da sua existência, sinta que êle é o pão da nossa bôca, a luz dos nossos olhos e a garantia da nossa vida. Só quando o povo tiver essa consciência, é que nós podemos dizer que o Império colonial existe.

A expressão, confesso-o, não me agrada. O Império é uno. E esta dualidade — Império colonial para um lado, e Nação portuguesa ou metrópole, para outro, é dissociativa do sentimento imperialista.

O Império português — única expressão que entendo, é todo o território em que se exerce imperialistamente a soberania da Nação portuguesa.

E é este exercício imperialista da sua soberania, o índice do seu sentimento imperialista. Mas a expressão está vulgarizada, e não há vantagem prática em nos arranharmos por amor dela.

O Império colonial, definido legalmente, tem que se incorporar na mentalidade e na sentimentalidade do povo português.

Urge que em todas as escolas, desde a primária à universitária, se fale insistentemente no Império colonial, despertando nas inteligências moças o orgulho da raça, o amor da glória, a fascinação do sacrifício, o desejo do domínio — elementos constitutivos do sentimento imperialista. Urge pôr ao serviço do

# João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partidas de Guimarães  
8 h., 12,30 e 18,15

Partidas do Pôrto  
8 h., 10,15 e 17

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães  
7,30 h.

Partida da Póvoa  
17,30 h.

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partidas de Guimarães  
7,35 h., 12 e 19

Partidas de Pevidem  
8 h., 12,30 e 19,30

Império Colonial, uma pedagogia imperialista que substitua a pedagogia actual, eivada de mazelas democráticas e pacifistas, de origem internacionalista, inimiga figadal do Império. Não tenhamos ilusões. Não é pregando aos grandes, aos adultos, aos de consciência e mentalidade já feitas, que nós criamos o sentimento imperialista na Nação. E' preciso ir aos pequenos, aos que ainda tentam os seus passos, e começam a modelar as suas palavras e as suas ideias. Foi por êsses que a Revolução começou. E' por êsses que a Revolução continua.

E quando o povo português sentir imperialistamente, os caudais da sua emigração convergirão espontaneamente sem solicitações ou prémios aliciadores, para as terras distantes do nosso Império, que deixarão de ser locais de exílio ou ante-câmaras de dor para passarem a ser atraentes paraísos de sonho.

Assim sentia, assim pensava o maior de todos os imperialistas mortos do nosso tempo — Mousinho, nome que todo o português deve dizer com amor, e toda a criança se deve habituar a pronunciar com respeito.

Criemos esse sentimento imperialista. E êle, pelo seu próprio desenvolvimento, será a muralha invencível, ante que esbarrarão, impotentes, todos os apetites, todas as ambições miseráveis daqueles que esquecem que Portugal foi quem abriu à civilização da Europa os horizontes que ela hoje contempla...

## Orfeão de Guimarães

Como está anunciado, realiza-se amanhã, 31, no Salão de Festas da V. O. T. de S. Francisco, a estreia do novo grupo orfeónico vimaranense, sob a direcção artística de Filinto Nina, distinto professor do canto coral do Liceu de Martins Sarmento. Patrocinam êste notável acon-

tecimento artístico, as gentis senhoras vimaranenses DD. Tereza Maria Mota Prego de Faria, Maria Rita Moura Machado e Maria Adelaide Meira Vieira Ramos.

O programa do sarau:

**I Parte** — «Duas Palavras de Apresentação», pelo Presidente da Direcção; «Palestra orfeónica», pelo brilhante escritor e poeta Dr. Abílio de Mesquita. Pelo Orfeão de Guimarães: I. «Hino do Orfeão de Guimarães», (Versos de Jerónimo de Almeida), por Filinto Nina; II. «Orvalhadas», (Versos do Dr. Abílio de Mesquita), por Manuel Tino; III. «Pr'ó Mar», (Versos de Alfredo Guimarães), por Armando Leça; IV. «Adoramus Te», por Paestrina; V. «Ceifeiras», (Versos do Dr. Abílio de Mesquita), por Filinto Nina.

**II Parte** — I. «Obras de Autores Portugueses», ao piano o professor Armando Leça; II. «Improvisão», (canção), de Filinto Nina, pelo tenor Lucínio Barbosa de Oliveira; III. «Versos», pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosa Nobre; IV. «Canção da Tarde», de Júlio Moutinho, pelo tenor Miguel Rodrigues; V. «Versos», por Rodrigo de Sousa Félix; VI. «Amoras», (canção), de Filinto Nina, pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosa Nobre. Ao piano, José Ferreira das Neves, professor do Conservatório de Música do Pôrto; Violino, professor António Guise, auxiliar do regente; VII. a) Liszt, «Sonho d'amour»; b) Chopin, «Valsa op. 64-n.<sup>o</sup> 2»; c) Oscar da Silva, «Scherzo à la Valsa»; d) Liszt, «Rapsódia n.<sup>o</sup> 11», pela nável pianista D. Margarida Costa.

**III Parte** — I. «Canção do Marinheiro», (Versos de Ribeiro de Carvalho) por Hermínio do Nascimento; II. «Ai-ti-ro-lé», (Versos do Dr. Abílio de Mesquita), por Dr. Guedes de Oliveira; III. «Coimbra Lendária», (Versos do Dr. Abílio de Mesquita), por Dr. Edmundo Barbosa; IV. «Portugal», (Versos de A. Correia de Oliveira), por J. Ferreira das Neves; V. «Portuguesa», (Hino Nacional), por Alfredo Keil.

# POR PORTUGAL

O povo de Guimarães vitoriou, quarta-feira passada, em apoteóticas aclamações, Carmona e Salazar,  
 \* \* Chefes gloriosos do Estado Novo \* \*

Há manifestações que, pela sua grandeza, espontaneidade, entusiasmo popular e ardor patriótico, não têm descrição possível. Só vê-las e senti-las.

A prosa, por mais vibrante que seja, é impotente para traduzi-las.

A recepção que o povo de Guimarães tributou a Suas Excelências os Srs. General Carmona, ilustre Presidente da República e Dr. Oliveira Salazar, glorioso Presidente do Conselho, pela grandeza e entusiasmo que atingiu não tem relato possível.

Dessa apoteose vamos dar uma pálida idea em rápidos tópicos.

Como empolgada pelo mais caloroso entusiasmo patriótico, a cidade de Guimarães agitou-se, quarta-feira passada, durante a passagem do Sr. General Carmona e Dr. Oliveira Salazar, ao longo das ruas da nossa Terra, desde o Proposto às Hortas, numa onda de alegria para aclamar os Restauradores da Pátria, que na manhã do 28 de Maio de 1926, a receberam enfêrma e decaída, e hoje robusta e forte.

Foi o agradecimento do povo vimezanense, na sua forma mais simples, clara, sincera e expressiva, pela tarefa construtiva do 10.º ano de Revolução Nacional, em prol da prosperidade económica e pacificação desta Pátria, durante tantos anos depauperada pela má administração e contaminada pelo virus da desordem.

O nosso povo, trabalhador, ordeiro e amante da sua Pátria, na sua compreensão intuitiva, tudo isto reconhece.

E assim, as aclamações aos Chefes do Estado Novo, brotaram, quarta-feira passada, quentes e espontâneas da alma sã da nossa boa gente.

Indústrias, comerciantes, empregados e operários afirmaram bem alto «Queremos Salazar».

Os condutores da Revolução Nacional chegaram em carro aberto, acompanhados pela sua comitiva, a esta cidade, no dia 27, pelas 11,30 horas, conforme estava previsto.

Ao longo das ruas que os Srs. General Carmona e Dr. Oliveira Salazar tinham de percorrer, o povo apinhava-se em

massas compactas, ansioso por aclamar Suas Excelências.

As sacadas da rua de Paio Galvão, largo do Toural, 28 de Maio, rua de S. Dâmaso, encontrando-se caprichosamente engalanadas com bandeiras, galhardetes e colchas, dão ao ambiente um aspecto festivo.

Pejam as varandas e janelas, grupos de gentis senhoras.

A mulher portuguesa, que no Estado Novo vê a garantia da honra da família, quer também associar-se com a sua graça, a sua beleza, o seu sorriso, e por vezes, com o seu grito entusiástico às manifestações que os trabalhadores estão preparados para tributar aos Srs. General Carmona e Dr. Oliveira Salazar.

Aguardam os ilustres visitantes no lugar do Proposto o sr. Administrador do Concelho, Presidente da Câmara, vereadores, União Nacional, magistrados, autoridades, médicos, advogados, representantes de estabelecimentos públicos, em suma, tudo quanto Guimarães possui de distinto e elevado.

Aqui encontravam-se também a Corporação dos Bombeiros e respectiva banda, Academia e muitos populares.

Em carro aberto, as figuras dos srs. Presidentes da República e do Conselho, assomam ao fundo da rua de Paio Galvão.

Ouvem-se vibrantes aclamações. Uma chuva de pétalas, desfolhadas por gentis damas vimezanenses cai sobre o carro presidencial.

Quando os Chefes da Revolução Nacional chegam ao meio da rua de Paio Galvão, onde se encontravam os operários dos Sindicatos Nacionais e deputações de trabalhadores com estandartes, o entusiasmo atinge o rubro.

De todas as bocas saem, em unísono, aclamações a Carmona, Salazar, à Pátria, ao Estado Novo e Movimento do 28 de Maio.

A alegria do povo cresce em maré cheia.

Os trabalhadores não se contentam em vitoriar, postados ao longo dos passeios, as figuras máximas da Revolução Nacional.

Rompem-se os cordões de polícias e guardas a cavalo.

E aquela mole de gente, em

manifestações de alevantado patriotismo, corre atrás do carro que conduz os Restauradores da Pátria.

O cortejo entra no Toural, coalhado por uma massa compacta de operários das fábricas da indústria têxtil com os seus patrões.

O entusiasmo aumenta. Vibração, alegria, delírio. Salazar! Salazar! Carmona! Carmona! Agitam-se lenços brancos, dão-se vivas, chovem flores, sorriem donzelas, pulsam corações de trabalhadores.

Salazar e Carmona são envolvidos numa grandiosa apoteose.

Junto ao carro presidencial os srs. António J. Pereira Lima, administrador do concelho e Francisco Pereira Mendes levantam entusiásticos vivas a Carmona e Salazar, que os milhares de populares que o ladeiam secundam com frenéticas aclamações.

E' um povo vitoriando em dois Homens a grandeza de uma Obra. Das janelas continuam a ser despejadas flores.

E os operários que labutam nas fábricas e oficinas, correm com os estandartes ao alto, cheios de vibração, a vitoriar Carmona e Salazar.

E' que a Revolução Nacional está na alma do povo.

Ela fêz-se em obediência às mais vivas ansiedades da Grei. O seu substracto é estruturalmente popular.

A manifestação que Guimarães tributou aos srs. Presidente da República e do Conselho, é a prova clara e evidente desta verdade.

Quando um Movimento assim se apodera da alma do povo, é um Movimento vitorioso, no mais lato sentido da expressão.

O carro presidencial chega à entrada da rua das Hortas, acompanhado por milhares de pessoas.

Salazar levanta-se e agradece a apoteótica manifestação do povo de Guimarães.

O entusiasmo atinge o delírio. Torna-se indescritível. Num grito unísono aclama-se Salazar!

Salazar!  
 Em seguida é o venerando Chefe de Estado alvo duma grandiosa aclamação.

O carro agora corre em des-

filada ao longo da rua Dr. José Sampaio.

O povo, porém, não desiste, e corre também atrás do carro.

Teve, contudo, de se convencer que não podia, conforme era seu desejo, acompanhar os ilustres visitantes até à Penha.

No Hotel desta estância realizou-se um almoço com a assistência da comitiva presidencial e das autoridades locais.

A' saída do Hotel, após o almoço, lá estavam muitos operários, as direcções dos Sindicatos Nacionais dos operários da indústria têxtil e de manipuladores de pão para mais uma vez vitoriar os chefes do Estado Corporativo.

Um grupo de gentis senhoras também se deslocou até ao alto da montanha para lançar flores ao Sr. General Carmona e Dr. Oliveira Salazar e as crianças das escolas de S. Romão cantaram o hino Nacional.

Os operários dos Sindicatos erguem vivas ao chefe da Revolução Nacional e do Estado Corporativo.

O Sr. Presidente do Conselho agradece esta inesperada manifestação lá no alto da Penha.

Eram duas horas quando a comitiva saiu do Hotel em direcção ao Pôrto, pela estrada de Famalicão.

## «O Comércio de Guimarães»

Sem louvores nem adjectivos de amigos, apesar de os ter sinceros e dedicados, *O Comércio de Guimarães* sublinhou modestamente a passagem do seu aniversário.

Este repúdio por pomposas expressões e redundâncias de estilo, encerra uma lição viva de jornalismo sadio, elevado e vibrante, para os novos que ensaiam os primeiros passos na tarefa ingrata da imprensa.

Ao nosso colega, símbolo de lealdade e nobreza moral, as nossas mais colorosas saudações.

PATROCINADO PELA  
 UNIÃO NACIONAL